

## **EM TERRAS DE VAGABUNDOS E VAGABUNDAS: O CLIMA TROPICAL, A PREGUIÇA E A LASCÍVIA NAS REVISTAS DO IHGB**

*LUIS FERNANDO TOSTA BARBATO*  
INSTITUTO FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (IFTM)

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo mostrar as relações entre o clima tropical e a preguiça e a lascívia, nas Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do século XIX. Em busca de construir uma identidade nacional para o País, os membros do IHGB se depararam com uma literatura que pregava os trópicos como regiões de fracasso civilizacional e, a partir dos relatos publicados nas revistas, buscaremos entender como esses intelectuais lidaram com essa questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clima; IHGB; Identidade Nacional.

**ABSTRACT:** This article aims to show the relationships between tropical climate and laziness and lewdness, in the Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) of the nineteenth century. In the quest to build a national identity for the country, members of IHGB encountered a literature that preached the tropics like regions of civilizational failure, and from the reports published in the journals, we will seek to understand how these intellectuals have dealt with this issue.

**KEYWORDS:** Climate; IHGB; National Identity.

217

## Introdução

O clima tropical há tempos figura como elemento relacionado ao exótico em relação à Europa de clima temperado, e, muitas vezes, apareceu na história como elemento para marcar a diferença entre o continente europeu e outras regiões do planeta que partilhavam de um clima diferente. Tratado como lugar de delícias e de vida fácil, sobre os trópicos construiu-se toda uma série de representações que o associariam também ao atraso, aqui, mais uma vez, comparado ao continente europeu, afinal, uma extensa literatura, formada por grandes nomes das ciências e filosofia europeias, como Montesquieu, Buffon, Raynal, entre outros, mostrava que o clima tropical, com toda sua benevolência, causava efeitos nefastos em termos de potencialidades civilizacionais àqueles que sob ele viviam. Isso porque ele era acusado de, justamente por ser clemente demais, formar povos débeis, fracos, preguiçosos, lascivos e imprevidentes, portanto, inferiores aos europeus, forjados nos rigores dos invernos da Europa.

Nesse sentido, o que buscamos aqui é observar como essa relação entre o clima tropical e a debilidade de suas gentes, nesse caso, marcadas pela preguiça e pela lascívia exacerbadas, dele decorrentes, figuraram nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A questão se dá porque, ao mesmo tempo em que os membros do IHGB batalhavam em seus escritos por uma identidade nacional brasileira, da qual o clima tropical era componente importante<sup>1</sup>, os membros do grêmio carioca mantinham-se em contato com toda essa literatura que condenava as gentes tropicais.

Assim, o que buscamos aqui é compreender como essa questão dos infortúnios tropicais sobre os corpos e razões das pessoas foi tratada nas revistas do IHGB, e como essa questão se manteve frente ao ideal patriótico de construir uma identidade nacional para o Brasil no século XIX, na qual as qualidades do País precisavam ser retratadas, mesmo frente a todo esse cenário condenatório que o clima tropical estava envolvido.

## O Brasil e suas gentes tropicais nas revistas do IHGB

Já no primeiro documento produzido sobre as terras brasileiras, a Carta de Pero Vaz de Caminha, a questão da tropicalidade do Brasil já se mostra presente, e o exotismo dos papagaios, os arvoredos numerosos – lar de

---

<sup>1</sup> Há extensa literatura que traz os trópicos como elemento importante na construção da identidade nacional brasileira no século XIX, dentre os quais, podemos destacar: NAXARA, Márcia Regina Capelari. "Natureza e Civilização: Sensibilidades românticas e representações do Brasil no século XIX" *In*: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001; ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006; PAZ, Francisco de Moraes. *Na poética da história: a revitalização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: UFPR, 1996; SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrado, a viagem*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

“infinitas espécies”<sup>2</sup>, pontos marcantes dessa terra tropical e distinta que os primeiros europeus que aqui aportaram, se fazem presentes. Nessa mesma vertente, de ressaltar as características tropicais brasileiras, Vespúcio afirmou que “e, em verdade, se o paraíso terrestre está localizado em alguma parte da terra, julgo que não dista muito daquelas regiões [referindo-se ao Brasil]”<sup>3</sup>. Há, ainda, os relatos dos jesuítas que passaram uma imagem benigna da natureza destas terras<sup>4</sup>, ou ainda os escritos de Pero de Magalhães Gândavo<sup>5</sup> e Ambrósio Fernandes Brandão<sup>6</sup>, que colonos portugueses que trouxeram em seus relatos todo o potencial das terras brasileiras<sup>7</sup>. Dessa forma, podemos notar que o clima tropical, e tudo aquilo que dele decorria, como a profusão de vida e de belos cenários, era elemento recorrente nos relatos coloniais sobre o Brasil.

Isso para não falarmos dos franceses, visitantes que desde os primeiros momentos da colonização portuguesa, aqui pisaram e contaram suas histórias nas quais os calores, belezas e delícias dos trópicos exalavam de suas letras, ressaltando esse caráter todo especial e distintivo causado pelo clima tropical.

O Brasil desses franceses que nos visitaram em nosso tempo de colônia era sempre marcado pela beleza, pela fertilidade e pela alegria, e mesmo havendo momentos em que os estranhos hábitos das gentes nativas chamavam a atenção pela barbárie – como as cenas que corriam a Europa que tinham como protagonistas indígenas assando e comendo o homem branco –, a verdade é que a visão sobre essas terras era globalmente positiva<sup>8</sup>.

Jean de Léry, Claude d’Abbeville, Yves d’Evreux e André Thevet<sup>9</sup> são exemplos desses primeiros visitantes franceses que ajudavam a difundir tal

<sup>2</sup>CASTRO, Silvio. *O descobrimento do Brasil: A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

<sup>3</sup> PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seller, 1991, p. 25-28.

<sup>4</sup> Exemplo disso é a carta de Pe. Manuel da Nóbrega, enviada em 1549, que descreve a Bahia como uma terra agradável, “muito temperada. De tal maneira que o inverno não é nem frio nem quente, e o verão, ainda que seja mais quente, bem se pode sofrer (...)”. Cf. HUE, Sheila Moura. *Primeiras Cartas do Brasil (1551-1555)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 32.

<sup>5</sup> GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *A primeira história do Brasil: história da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

<sup>6</sup> BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Recife: Massangana, 1997.

<sup>7</sup> Vale aqui ressaltar que, segundo Laura de Mello e Souza, ambos os autores portugueses enfatizaram expoentes da vertente edenizadora das terras brasílicas, no entanto, tal cenário natural idílico não era absoluto, havendo uma matização dessa edenização, pautado na ideia de que tal caráter edênico se reelabora, transmutando-se, com o processo de colonização. A natureza tropical da colônia portuguesa era reafirmada como pródiga e generosa, mas desde que transformada pelo homem. Cf. MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986, p. 40.

<sup>8</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Alegres Trópicos: Gonville, Thevet e Lery” *In: Revista USP*. São Paulo: USP, CCS, 1989, p. 90-92.

<sup>9</sup> Os três eram membros das missões francesas que tentaram colonizar áreas do Brasil. Jean de Léry visitou o Brasil em 1557, na chamada França Antártica, situada no Rio de Janeiro. Já Claude d’Abbeville e o capuchinho Yves d’Evreux participaram da missão francesa na chamada França Equinocial, o primeiro em 1612, permanecendo por quatro meses, e o segundo durante os anos de 1613 e 1614. O franciscano Thevet permaneceu por três meses na chamada França Antártica durante o ano de 1555, em companhia de Villegaignon.

ideia, em todos eles, a visão que predominava sobre as terras que encontraram no Brasil era baseada no elogio e na boa impressão.

Assim foi-se criando e se disseminando a imagem desse Brasil tropical, “terra da preguiça e da gula”, um lugar que não dependia do trabalho para bem usufruir da vida<sup>10</sup>, em contraste com uma Europa precariamente livre da fome<sup>11</sup>. Algumas das melhores qualidades da mitológica Cocanha medieval encontraram um paralelo nas Américas<sup>12</sup>. Mas uma terra de natureza pródiga, habitada por negros, índios e mulatos, para se tornar o “paraíso do indolente” era só uma questão de tempo, se pensarmos de acordo com as representações acerca do clima tropical desses tempos.

Isso porque o clima quente há tempos era associado à preguiça e à indolência. Hipócrates já dizia, séculos antes de Cristo, que os climas estão diretamente relacionados às diferenças de caráter entre os povos, e que quanto mais acentuadas fossem suas variações, maiores seriam as virtudes do caráter de um povo<sup>13</sup>.

Assim, dentro das teorias hipocráticas, as terras que se vangloriavam de ser ricas, de estarem bem provisionadas de água, de possuírem áreas de fácil cultivo, além de não estarem submetidas a grandes variações climáticas, produziam também uma gente frouxa e covarde, pouco afeita ao trabalho pesado e pouco disposta ao exercício das faculdades intelectuais.

Ambiente este oposto às terras secas e agrestes, que sofriam com os rigores do frio do inverno e do calor do verão, produzindo, assim, no seio dessa aspereza, homens rijos em seus corpos e rápidos em suas ações e pensamentos<sup>14</sup>.

A carapuça dessa terra linda e perigosa, geradora de homens e mulheres frouxos e pouco aptos aos exercícios do trabalho, servia perfeitamente naquele Brasil tropical reluzente aos olhos de estrangeiros e nacionais, e motivo de orgulho destes últimos, um dos bastiões nos quais se calcaram nossa nascente identidade nacional<sup>15</sup>.

Mais uma vez, o contraste de uma Europa modelo surgia como um espectro, disposto a desvirtuar quaisquer esperanças que pairavam sobre nossos construtores e idealizadores de uma nação para nosso país. O clima distinto distanciava cada vez mais o Brasil de um futuro promissor e europeu,

<sup>10</sup> Como podemos observar no seguinte trecho: “Aqui neste valle virgem [do rio Amazonas], onde a vegetação é sempre luxuriante com o mais agradável e invejavel clima do mundo, uma atmospheria brilhante que só tem rival na de Quito, sem mudança nas estações, podemos collocar o paraizo do indolente. A vida pode aqui ser mantida com tão pouco trabalho como no Éden”. In: ORTON, J. *The Andes and the Amazon Apud* VERISSIMO, José. “As populações indígenas e mestiças da Amazonia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes”. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo L. Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1987, p. 310.

<sup>11</sup> ARNOLD, David. *La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultura y la expansión de Europa*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2000, p. 133.

<sup>12</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 82.

<sup>13</sup> ARNOLD. *Op. cit.*, p. 22.

<sup>14</sup> Ibid.

<sup>15</sup> BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Brasil, um país tropical: o clima na construção da identidade nacional brasileira (1839-1889)*. Campinas, SP: [s.n.], 2011, p. 5-20

para aterr -lo cada vez mais em um presente feio e tropical, com toda a inércia, pecados e doenças que isso poderia acarretar.

Para compreender melhor essa questão, devemos lembrar que essas relaoes entre o clima tropical e indolência ganharam grande destaque no século XVIII, principalmente por meio das premissas hipocr ticas retomadas por Montesquieu<sup>16</sup>, que mais uma vez propunha a relaao entre os climas supostamente benignos e homens débeis.

É nesse substrato de alegria e beleza, nos quais as belas descrioes do Brasil tropical conviviam com consolidadas teorias difamatórias, que os intelectuais do IHGB começaram a escrever a história do Brasil, uma história que deveria levar à união e orgulho nacionais, e que, por isso, deveria focar naquilo que de melhor o País possuía, e o que de fato ocorreu, visto que a natureza tropical surgiu como um dos alicerces sobre os quais se fundou uma identidade nacional brasileira. Mas esse caminho não era tão simples, e nele havia meandros pouco alentadores para homens dispostos a escrever uma história positiva nos trópicos, mas que têm também eram leitores do que se produzia no Velho Continente, o que resultava, assim, em uma confiança abalada nesses trópicos que eles teriam que exaltar.

Isso porque, como dissemos, havia premissas que pregavam uma relaao entre os trópicos e a indolência, e entre os trópicos e a lascívia exacerbadas, que pareciam minar quaisquer esperanças de civilizaao tropical, e elas, como veremos, pareciam ser bastante fortes dentro do grêmio carioca.

Tais premissas lançadas por Hipócrates e confirmadas por Montesquieu e seus contemporâneos e seguidores estavam bastante vivas no século XIX. Cultivava-se uma imagem geral de um Brasil indolente, fruto de seu clima e de seu solo, ambos benévolos demais. Essa terra fértil, de clima agradável, cheia de raízes, frutos e animais, cortada por rios piscosos, e banhada por mares quentes afetara profundamente nossos habitantes originais:

O  ndio era indolente e preguiçoso, porque a natureza, como m i pouco providente que   força de extremos e caricias mal educa os seus filhos, tinha sido excessivamente prodiga para com eles. Carecia de pouco para viver, e esse pouco, a benignidade do clima, a fertilidade do terreno, lhes asseguravam em todos os tempos e em todos os lugares: tinham abundancia de caça, de pesca, de diferentes fructos

---

<sup>16</sup>  importante que frisemos mais uma vez que Montesquieu em seu tempo apenas sintetizou certas crenças e valores sobre os trópicos e seus homens, mais que tais detrac oes a esses sujeitos já existiam em períodos bastante anteriores ao século XVIII da Ilustraao. Nesse sentido, podemos mostrar aqui a imagem um tanto dramática de uma suposta preguiça indígena em terras tropicais, proferidas pelo Pe. Antonio Blasquez em suas cartas escritas no século XVI, e publicadas na revista do IHGB: "Suas camas [dos indígenas que habitavam o território da Bahia] são umas redes podres com ourina, porque são tão preguiçosos que ao que demanda a natureza se não querem levantar". Cf. BLAZQUEZ, Antonio. "Cartas do Padre Antonio Blasquez sobre o Brasil (1556-65)". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Tomo XLIX. Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernaao a vapor de Laemmert & C., 1886, p. 10.

segundo as quadras do anno, de modo que, fazendo plantações, não carecia reservar colheita para alguma occorrença imprevista. Que lhes importava o futuro? Viveriam seus filhos como elles<sup>17</sup>.

E nesse sentido, aquela velha ideia de Hipócrates ganha espaço na revista do IHGB. São diversos os relatos que trazem o contraste entre as belezas de nossas terras e a inércia de nossas gentes. Nossos índios vinham de uma preguiça natural, atribuída principalmente ao meio em que se desenvolveram<sup>18</sup>.

Aos olhos de europeus e de brasileiros com olhos voltados para a Europa, a preguiça indígena atingia graus extremos. Tinham essas pessoas uma "nativa tendência para a vida errante e a ociosidade"<sup>19</sup>, só se movimentavam em caso de última necessidade, e mesmo assim, obravam somente o mínimo necessário<sup>20</sup>.

Afinal, estavam esses povos há séculos enraizados em terras onde a obtenção da caça e da pesca obtidas a pouco custo os eximia de cultivar a terra<sup>21</sup>. Os benefícios dos trópicos há gerações amoleciam aqueles homens, já enfraquecidos racialmente perante o homem branco, como vimos há pouco.

---

<sup>17</sup> DIAS, A. Gonçalves. "Brasil e Oceania". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXX. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1867, p. 140. É importante que ressaltemos aqui que Gonçalves Dias não negava uma suposta indolência do indígena motivada pelo meio em que vivia, como observamos, no entanto, segundo esse romântico indigenista, tal preguiça não era absoluta, mas podia ser relativizada, como perceberemos mais a frente. No mesmo sentido do trecho de Gonçalves Dias, sobre uma suposta indolência do índio brasileiro motivada pela ação de fatores da natureza, podemos citar o seguinte trecho: "Filhos de uma raça para quem nada eram as privações dos gosos materiaes, são elles como seus paes [os índios tapuios]. (...) Tudo o que exige acção, iniciativa, exercicio continuado, persistencia, a energia moral por onde as fortes individualidades se affirmam, lhes é impossivel [nesse caso, referindo-se à indolência dos filhos mestiços de brancos com os índios, que herdaram as características desses últimos ancestrais]. VERISSIMO, José. *Op. cit.*, p. 310.

<sup>18</sup> O que fica ainda mais evidente, ao observarmos os seguintes trechos: "Vivem da rapina e pesca [os índios de Minas Gerais], e principalmente da caça. (...) Preguiçosos em geral, não cuidam de cultivar a terra, nem de modo algum de vida". Cf. Sem autor. "Descobrimto de Minas-Geraes". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXIX. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1886, p. 18-19. Ou, ainda: "Eu sei bem que os índios em geral, são preguiçosos, inconstantes e fracos; mas com esses defeitos, e ainda com outros, elles servem de muito, elles são nossos irmãos". Cf. ALMADA, Manoel da Gama Lobo de. "Descripção relativa ao Rio Branco e seu território". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. de S. Luiz dos Santos, 1861, p. 666.

<sup>19</sup> MELLO, José Alexandre Teixeira de. "Campos dos Goytacazes". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XLIX. Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1886, p. 18.

<sup>20</sup> Opinião que fica explícita no trecho a seguir: "Ainda que não levem a indolencia a tão alto grão, como diz Azara que é levado entre os *guaranis*, a preguiça é um dos seus caracteristicos. O *Botocudo* fica inactivo dentro da sua cabana até que a necessidade de comer o force a sahir d'ella; porém mesmo assim obra o menos que póde". Cf. DIAS, A. Gonçalves. "Brasil e Oceania". *Op. cit.*, p. 69-70.

<sup>21</sup> O que fica reforçado no trecho a seguir: "Para o indio essa é região [pantanaes do Alto Paraguai, São Lourenço e Cuiabá] onde a vida é facil: a caça e o peixe são ahi não só em

Nesse sentido, podemos perceber que as noções que relacionam a magnitude dos trópicos com a ociosidade estão fortemente arraigadas nos membros do IHGB, ao notarmos uma ação que vai além de seus efeitos sobre os indígenas, afetando também os outros habitantes do Brasil, sendo os mestiços, tão sujeitos às suas delícias quanto suas mães indígenas ou negras.

O clima tropical não se mostrava generoso somente aos seus habitantes mais antigos, mas os colonizadores portugueses e seus descendentes mestiços logo caíam nos braços dessa mãe-natureza, que tratava por igual – e muito bem, diga-se de passagem – todos os seus filhos:

O sertanejo não precisa trabalhar mais que uma semana no seu mandiocal para ter seguro o pão de um anno inteiro, seus campos e rios lhe ofertam o conducto, isto só lhe basta, de nada mais necessita; e eis aqui toda a agricultura d'este paiz foi reduzida a uma pequena plantação de mandioca para cada morador<sup>22</sup>.

A indolência, aos olhos dos membros do IHGB, e daqueles que eles escolheram para publicar seus artigos nas revistas, se espalhava por todo o País, atingindo aqueles que viviam em contato direto com a natureza, pródiga em excesso, sendo esse mal perceptível principalmente nas “raças menos nobres” da espécie humana, e nos filhos nascidos das uniões destas com a raça tida como superior.

Nesse sentido, há uma série de exemplos que atestam essa percepção, citá-los, para fazerem quórum junto aos diversos já aqui elencados, ajuda a mostrar o alcance que essa noção alcançara em no período em que esses homens ligados ao IHGB escreveram, e mesmo em texto escrito por autores externos ao grêmio, mas selecionados para compor as publicações do instituto<sup>23</sup>.

---

grande abundancia, mas tão facilmente colhidos que, para viver e gozar de abundancia, não é necessário trabalhar”. Cf. MAGALHÃES, José Vieira Couto de. “Ensaio de Anthropologia – Região e Raças Selvagens”. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXVI. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1873, p. 375.

<sup>22</sup> ANÔNIMO. “Considerações sobre as duas classes mais importantes de povoadores da capitania de Minas Geraes, como são as de mineiros e agricultores, e a maneira de as animar”. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXV. Rio de Janeiro: Typ. de D. Luiz dos Santos, 1862, p. 433. Podemos ainda, nesse sentido, citar o seguinte trecho: “É habitada [a vila de Moira, no norte do Brasil] de muitos moradores brancos e Indios; porém assim aquelles como estes se entregam á ociosidade de tal maneira, que se não póde verdadeiramente reconhecer qual é o genero de commercio ou de agricultura que exportam”. Cf. ANÔNIMO. “Diario da viagem que fez á colonia hollandeza de Surinan o Porta Bandeira da Sétima Companhia do Regimento da cidade do (ilegível), pelos sertões e rios d'este Estado em diligência do Real serviço”. In: *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1846, p. 13.

<sup>23</sup> “Parece que muitos homens aborrecem aquillo mesmo que é a origem da sua existência [sobre a agricultura em Goiás] e principal base de sua sustentação. Inventando pretextos frívolos com que encobrem a sua preguiça, chamam que não podem dar sahida aos gêneros, e

Em meio a essa vasta amostra de exemplos que nos evidenciam uma relação entre climas quentes e a preguiça – não só no Brasil<sup>24</sup> – também encontramos exemplos que ligam o clima frio à atividade humana. O que nos evidencia ainda mais que as teorias de Hipócrates e seus seguidores possuíam grande inserção entre os membros do grêmio carioca:

(...) deixemos por ora só em profecia que sendo Minas o estômago do Brazil, nunca será vigorosa e genuina litteratura, que d’ahi não tire as forças, o vigor, a origem. – Com effeito se está recebido em these que em paizes tropicaes nas chadas ou rechanos elevados tem os habitantes mais actividade, e o clima se presta mais ao trabalho do espirito, o que até se comprovaram os indigenas americanos, no México, Perú & c. (...) <sup>25</sup>.

---

andam como mortos de fome. Não querem trabalhar, contentam-se com a mendicância, com o roubo, com a caça dos bosques, fructos das arvores e raízes da terra; e isto mesmo quando as acham com facilidade, pois que a defficultar-se-lhes, tomam como aliemento o mel de abelhas que encontram em algumas rochas, ou arvores. (...). A terra é a melhor possível; a gente é boa, mas a preguiça de quase toda chega a um grão inexplicável”. Cf. MATTOS, Raymundo José da Cunha. “Chorographia Historica da Provincia de Goyaz”. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXVII. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1874, p. 287-289; ou, ainda: “d’elles [dos gentios] não me admiro tanto como dos proprios domesticados; toda a sua paixão e saudade é pelo mato que deixarão; ali o apetite animal é a lei dos costumes, ali são naturalmente preguiçosos, porque o mato naturalmente lhes subministra tudo o que de que necessitão. A necessidade tem sido a mestra da industria nos paizes cultos; elles, que a não receião, nem amão a industria nem a sujeição aos costumes, que são diversos dos seus”. FERREIRA, Alexandre Rodrigues. “Diário da viagem philosophica pela Capitania de São José do Rio Negro”. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XLVIII. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert & C., 1885, p. 98-99; ou, ainda: “A facilidade com que se obtêm os viveres de primeira necessidade torna os homens indifferentes a todos os outros trabalhos [sobre os habitantes do interior da provincia do Mato Grosso]”. Cf. WAEHNELDT, Rodolfo. “Exploração da provincia do Mato Grosso”. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXVII. Rio de Janeiro: Typ. de Domingos Luiz dos Santos, 1864, p. 206-207; ou, ainda: “(...) toda a provincia [do Maranhão] esta coalhada de fazendas de criação de gado vaccum, em cujo trato e para a salga das carnes e couros se occupam cardumes de homens ociosos, sem domicilio certo, pela mór parte de uma raça cruzada de indios, brancos e negros, a que chamam de cafusos, os quaes são muito amantes d’esta vida meia errante, pouco dados a outros misteres e muito á rapida e á caça, distinguindo-se apenas dos selvagens pelo uso da nossa linguagem”. Cf. MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. “Memoria Historica e Documentada da Revolução da Província do Maranhão. Desde 1839 até 1840”. In: *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. Tomo X. Rio de Janeiro, 1870 (1848), p. 267.

<sup>24</sup> Como nas referências aos polinésios que, assim como os brasileiros, viviam em meio a uma natureza tropical e provida: “são frouxos, dados à preguiça e a ociosidade”. Cf. DIAS, A. Gonçalves. “Brasil e Oceania”. *Op. cit.*, p. 337-343.

<sup>25</sup> VARNHAGEN, F.A. de. “Biographia dos Brasileiros Distinctos por Lettras, Armas, virtudes, etc... – Fr. José de Santa Rita Durão” In: *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1846, p. 276.

Ou ainda:

O clima do Rio Grande não deixa de ser favorável, e de ordinário constitue robustos os seus moradores: é verdade que para isto não concorre menos o pouco melindre com que são creados, a maior parte do tempo expostos ao rigor d'elle, sem outro abrigo que o das insignificantes e dispersas habitações, que é notório<sup>26</sup>.

Além disso, percebemos que na própria descrição dos imigrantes portugueses que vinham ao Brasil, considerados, em geral, dentro das publicações do IHGB como aptos ao trabalho assim como os demais europeus, há uma gradação da atividade e inclinação ao trabalho, em uma descrição de suas características, que acompanha a variação climática de Portugal, considerando os imigrantes oriundos das províncias mais frias do norte os mais industriosos, sendo que esse vigor vai se diluindo à medida que as latitudes também diminuem, e o clima do reino esquenta. Era a noção da relação entre o calor e a preguiça aparecendo, mesmo que de maneira sutil, no IHGB:

As provincias de Portugal, que mais fornecêrão e fornecem ao Brazil são as do Minho, e Beira-alta; aqui para as partes do sul em geral, estas creaturas distinguem-se pela sua actividade no commercio de retalho, e serião o mesmo commercio em grosso, si houvessem recebido educação propria para isso; são bem activos, e industriosos, mas pouco inclinados a agricultura. Das outras provincias portuguezas a Estremadura é a que se segue na lista das que enviavão, e nos envião mais gente; não tem actividade dos anteriores, e dão-se mais a officios mecanicos. Os ilhéos são mais dados a agricultura, mas os seus trabalhos são lentos e vagarosos<sup>27</sup>.

Era nessa dicotomia entre a abundância e o potencial da riqueza, e o antiparaíso de suas gentes, que encontramos o dilema de nossos pensadores da nação. Enquanto persistisse a indolência e o gosto pela ociosidade tão vigorosa, como existia entre o povo brasileiro daqueles tempos, seria difícil explorar todo o progresso latente em nossa natureza:

---

<sup>26</sup> CAMARA, Sebastião Xavier da Veiga Cabral da. "Reflexos sobre o estado actual do continente do Rio Grande de S. Pedro". Apud. HOMEM DE MELLO, Francisco Marcondes (org.). "Documentos relativos á Historia da Capitania, depois provincia, de S. Pedro do Rio Grande do Sul". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XL. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1877, p. 252.

<sup>27</sup> REBELO, Jozé Silvestre. "Povoação do Brazil relativamente á origem e influencia dos primeiros povoadores portuguezes nos costumes nacionaes". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XLV. Rio de Janeiro: Typographia Universal de H. Laemmert & C., 1882, p. 338-339.

A fertilidade de seu solo [cidade de Antonina, no Paraná], garante-lhe todos os cereaes de nosso paiz, dos quaes ainda exporta as vezes para outros pontos da provincia. Saudavel, com ricas madeiras de construcção naval, urbana e de marceneria (...) necessita apenas para seu engrandecimento, que as artes e officios associados ás outras industrias, despertem em sua população o amor constante do trabalho, inhexaurível fonte de riqueza de todos os povos civilizados do mundo<sup>28</sup>.

Como podemos notar, uma suposta discrepância entre o potencial econômico armazenado nas formas naturais do Brasil e a pouca ação de seus habitantes é uma constante dentro das publicações do IHGB, sendo essa parca atividade constantemente explicada pela ação do clima e da natureza tropical sobre os habitantes daqui. Nesse sentido, podemos considerar que um grande temor sobre ação dos trópicos nos homens no Brasil aparece latente nesses escritos. Raça e clima tropical eram os pesadelos daqueles homens que almejavam um futuro promissor, nos moldes europeus, para nós.

---

<sup>28</sup> PITANGA, Epiphanio Candido de Sousa. "Itinerario do Reconhecimento do Estado da Estrada da cidade de Antonina á colônia militar do Jatahy, na Província do Paraná". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXVI. Rio de Janeiro: Typ. de Domingos Luiz dos Santos, 1863, p. 539. Essa disparidade entre o potencial de riqueza da natureza brasileira – "o paraíso" – e a população mestiça, negra ou indígena, em geral pouco apta ao progresso e desenvolvimento da nação – "o antiparaíso" – aparece com bastante destaque no IHGB do período estudado, como podemos constatar nos trechos a seguir, em diversas partes do Brasil: "ha muita preguiça e falta de industria, não se cuida d'este grande rammo de commercio [no caso, as oliveiras, segundo o autor, pela demora no crescimento destas] que ao diante seria de muitas vantagens". Cf. Sem Autor. "Almanack da Villa de Porto-Alegre com reflexões sobre o Estado da capitania do Rio-Grande do Sul". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXX. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1867, p. 5-6. "Consistindo a maior felicidade do paiz na abundancia de pão, e demais viveres necessarios para a conservação da vida humana, e sendo as terras, de que se compoem este governo e capitancias annexas, das mais ferteis que se reconhecem, dous principios tem concorrido igualmente para a consternação e miseria, que n'ellas se tem experimentado. O primeiro é a ociozidade, vicio geral e insuperavel a todas as nações incultas, que sendo educadas nas densas trevas da sua rusticidade até lhes faltão as luzes do natural conhecimento da propria conveniencia". Cf. CORRÊA, Filipe Neri. "Direção com que interinamente se devem regular os indios das novas villas e lugares erectos nas aldeias da capitania de Pernambuco e suas annexas". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XLV. Rio de Janeiro: Typographia Universal de H. Laemmert &C., 1882, p. 131-132. "O meu juizo a respeito da agricultura do logar é, que o que a terra póde produzir de maniba, arroz, feijão e milho, e ainda de algodão e café, é sem conto, mas que o que de facto produz é muito pouco, porque o trabalho a fazer é muito, e as preguiça muito mais". Cf. FERREIRA, Alexandre Rodrigues. "Diário da viagem philosophica pela Capitania de São José do Rio Negro". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Tomo XLVIII. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert & C., 1885, p. 17; ou, ainda: "Si toda esta capitania situada debaixo do melhor ceo do mundo, e tão cheia de riquezas naturaes, fosse habitada por homens industriosos, e amigos do trabalho, em breve chegaria ao maximo de prosperidade; o povo seria feliz e abastado, e d'ella seria banida a mendicidade, que hoje tanto grassa á similhaça da Europa". Cf. ANDRADE, Martim Francisco Ribeiro de. "Jornaes das viagens pela capitania de São Paulo". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XLV. Rio de Janeiro: Typographia Universal de H. Laemmert & C., 1882, p. 6-7.

O apreço pela Europa e pelo europeu surge dessa forma, o que enfatiza que o clima da Europa acompanhava o apreço que tais intelectuais sentiam pelo continente como um todo. Nesse sentido, podemos considerar o artigo de Henrique Rebello, escrito em 1836, mas publicado em 1867 em revista do grêmio, como exemplar, pois mostra bem as distinções entre o aparente paraíso brasileiro, e a dura e inclemente natureza europeia, aspecto que, perduraria dentro do IHGB durante todo o período estudado<sup>29</sup>.

Nas revistas do IHGB percebemos que havia a noção de que o clima temperado – por sinal, o clima do nosso continente modelo: a Europa – era capaz de produzir homens fortes, graças a essa suposta dificuldade que ele impunha aos seus habitantes, tanto que, em geral, a presença desses homens imigrados em solo brasileiro e o suposto desenvolvimento que promovem, entra em contraste com o atraso e a morosidade dos mestiços e nativos daqui, marcados sob os signos dos trópicos.

Alemães e suíços são associados ao progresso e trabalho<sup>30</sup>. Quando brancos chegam a determinados lugares nota-se uma crescente no desenvolvimento do local<sup>31</sup>, se eles não estão lá, ninguém faz o trabalho<sup>32</sup>.

---

<sup>29</sup> "A facilidade de achar trabalho, e de vender seus productos no Brasil, tem feito nascer a indolência: não sabemos, se esse é um defeito occasionado por circumstancias, ou por influencia do clima. Em o nosso paiz observa-se que, pela facilidade de manter-se a pobreza, e mesmo a classe trabalhadora, entregam ao ócio e a preguiça, enquanto dura o grande sustento, proveniente, ou do que tem adquirido por sua industria e trabalho, ou do que espontaneamente produz a natureza em nosso solo abençoado. (...). Na Europa perde-se o desejo do consorcio pela difficuldade de subsistência, no Brasil havendo favoraveis meios de subsistir, o individuo entrega-se a ociosidade. (...). No Brasil nenhum individuo morrerá de fome, querendo dar-se a um pequeno trabalho: os rios abundam em peixes; as florestas em caças innumeraveis espécies; as praias em mariscos saborosos de tamanhos variados". É importante que frisemos que Rebello, apesar de acreditar nas forças da natureza na formação do caráter de um povo, como podemos notar a partir do trecho citado, não vê somente nessas tais forças a culpa por certo hábitos nocivos presentes no brasileiro. Rebello também cita o alto valor dos impostos, a imoralidade, o grande número de filhos nas famílias miseráveis, entre outros fatores, como entraves ao progresso no Brasil. Cf. REBELLO, Henrique Jorge. "Memoria e consideração sobre a população do Brasil". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXX. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1867, p. 10-12.

<sup>30</sup> O que pode ser constatado nos trechos: "(...) posto que estes allemães mostrem o mesmo character e costumes que possuem os que habitam a fregezia de S. Pedro, é notável que aquelles têm a mais decidida inclinação ao trabalho, e quase nunca se entregam a divertimentos". Cf. PAIVA, Joaquim Gomes d'Oliveira e. "Memória Histórica sobre a Colônia allemã de S. Pedro D'Alcantara, estabelecida na Província de Santa Catharina". In: *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo X. Rio de Janeiro: Typ. de João Ignacio da Silva, 1870 (1848), p. 515; ou, ainda: "A colônia dos suissos fundada em Nova Friburgo (...) é por assim dizer uma das que hoje existem em estado florescente, devido á índole da sua povoação, de que esta província tira não pequena vantagem, como era de esperar". SILVA, Thomé da Fonseca e. "Breve Noticia sobre a colônia de suissos fundada em Nova Friburgo". In: *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo XII. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1874 (1849), p. 142.

<sup>31</sup> O que pode ser verificado no trecho: "(...) Sem duvida se póde dizer que esta villa [de Moira] offerece hoje o mais importante objecto de commercio depois da cidade capital, sem que em

Assim, notamos que a noção de supremacia do clima temperado sobre o tropical, para a formação e desenvolvimento dos povos está presente em todo o período pesquisado, inclusive extrapolando-o, tanto no passado quanto nos períodos posteriores ao recorte temporal da pesquisa, que abarca o período compreendido entre os anos de 1839 e 1889.

No entanto, vale ressaltar que, apesar dessa profusão de artigos que ressaltam essa relação trópicos-indolência, além da forte presença desses temas nos escritos europeus, tão caros aos nossos intelectuais do instituto carioca, não há um consenso absoluto, apesar de percebermos que a maior parte dos relatos traz uma relação entre natureza pródiga marcada pela ação dos trópicos, e uma suposta inclinação de seus habitantes à indolência, há opiniões divergentes, ora por relativizar essa noção de preguiça no Brasil, ora por mesmo negá-la. Apesar de minoritárias e esporádicas, essas ideias também se encontram nas publicações do IHGB.

Gonçalves Dias, por exemplo, apesar de não negar os efeitos da generosa natureza tropical sobre a atividade do indígena, mostra que essa “não era tão extrema”, como queriam seus detratores, uma vez que eles poderiam, em caso de interesse, transformar-se em figuras de infatigável atividade<sup>33</sup>. Nessa mesma linha de pensamento, Couto de Magalhães também relativiza a preguiça indígena, ao afirmar que “não trabalham nas coisas em que nós trabalhamos porque não foram habituados nem sentem as mesmas necessidades”, porém mostram “extrema actividade na pesca, na caça e na guerra, únicos trabalhos cuja utilidade compreendem”<sup>34</sup>.

Nesse sentido, há ainda a negação da preguiça indígena, sob o argumento de que há uma diferença na perspectiva de trabalho, mas tanto índios quanto brancos trabalham para satisfazer às necessidades que possuem:

---

outro tempo só tinha alli a sua residência a intriga e a preguiça, o que tudo se desterrou, vindo substituir-lhes o amor ao trabalho, e isto por motivo das ditas sabias e providentes ordens [do Sr. Dr. Francisco de Souza Coutinho, o governador e capitão geral de então], debaixo das quaes se tem alli ido estabelecer muitos moradores brancos”. Cf. “Diario da viagem que fez á colonia hollandeza de Surinan o Porta Bandeira da Sétima Companhia do Regimento da cidade do (ilegível), pelos sertões e rios d’este Estado em diligência do Real serviço”. In: *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1846, p. 7.

<sup>32</sup> O que fica evidente a seguir: “É a cidade mal provida de peixe, por não haver pescadores brancos, e so indios naturalmente preguiçosos com alguma especie de antipatia”. Vale ressaltar que esse artigo é de 1665, o que mostra que as concepções a respeito dessa relação entre as facilidades do trópico e a preguiça no Brasil já eram bastante antigas, isso porque, o autor vê na opulência das terras brasileira a origem desses males. Cf. ARANHA, Manoel Guedes. “Papel Politico sobre o Estado do Maranhão”. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XLV. Rio de Janeiro: Typographia Universal de H. Laemmert &C., 1882, p. 12.

<sup>33</sup> “Não era comtudo que fosse tão extrema essa indolencia como nol-a querem pintar os seus detractores: n’esses homens meridionaes, o que mais admirava era a passagem rápida e por assim dizer instantânea de um extremo ao outro, o contrasta da preguiça no seu auge, e logo transformada em infatigável actividade”. Cf. DIAS, A. Gonçalves. *Op. cit.*, p. 141.

<sup>34</sup> MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Op. cit.*, p. 507.

Dizem que são preguiçosos [os índio apinajés]. Que! Póde-se chamar preguiçoso a aquelle que trabalha para satisfazer as necessidades reaes e ficticias da vida? Poder-se-há qualificar como tal aquelle que, não conhecendo outra necessidade, senão a da conservação, trabalha para alimentar-se com o resultado do seu trabalho e defende-se quanto póde contra seus opressores? Não.<sup>35</sup>

Encontramos ainda um artigo que refuta a teoria do clima<sup>36</sup>, e ainda alguns poucos que flertam com a ideia de possibilidade de homens laboriosos vindos dos trópicos<sup>37</sup>. Mas a verdade é que a grande maioria dos artigos publicados que tocavam na relação entre clima e preguiça no Brasil, viam um panorama deveras negativo, marcado pela presença de homens perdidos em meio a uma natureza exuberante e benevolente, ideal para se obter alimento fácil, mas que colocava a população brasileira perigosamente distante do almejado progresso aos moldes de Paris.

A verdade é que trópicos e preguiça andaram juntos durante muito tempo de nossa história, entrando em momentos avançados do século XX. Exemplo disso é Macunaíma, “herói solar e mestre da preguiça”, no qual Mário de Andrade encarnou a preguiça por um viés positivo, assumindo e fazendo festa a uma das primeiras e mais difundidas inscrições sobre o corpo do habitante nativo do novo mundo<sup>38</sup> – e depois também para os frutos de povos imigrados.

<sup>35</sup> GOMES, Vicente Ferreira. “Itinerario da cidade de Palma, em Goyaz, á cidade de Belém no Pará, pelo rio Tocantins, e breve noticia do norte da província de Goyaz”. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Tomo XXV. Rio de Janeiro: Typ. de D. Luiz dos Santos, 1862, p. 494.

<sup>36</sup> OLIVEIRA, Antonio Rodrigues Velloso de. “Memória sobre o melhoramento da província de S. Paulo applicavel em grande parte ás províncias do Brasil”. In: *Revista Trimensal do Instituto, Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXII. Rio de Janeiro: B.L. Garnier-Livreiro-editor, 1868, p. 187-188.

<sup>37</sup> Como no trecho a seguir, no qual Teixeira de Mello, em sua busca pela refutação da ideia da pouca atividade dos brasileiros, usa trechos de Balthazar Lisboa para corroborar sua opinião: “os habitantes supposto fossem cheios de um espírito inquieto e dados à preguiça que apenas se ocupavão. Na creação do gado que conduzião para o Rio de Janeiro, comtudo desde aquella época de 1752 se entregarão ao amor do trabalho, e desenvolvimento de todo o genero de agricultura, a que prodigiosamente forão levados os habitantes que a cultivão com todo affinco”. Cf. MELLO, José Alexandre Teixeira de. *Op. cit.*, p. 861; ou, ainda: “Dos povos do Brasil o cuyabano é o que mais se assemelha por seus caracteres phisicos ao povo paraguay. Grandes cantores e amigos de dansa como todos os povos proximamente unidos ao indígena, elles não têm a indolencia de nossas populações mestiças; activos, laboriosos, emprehendedores, são dignos herdeiros dos paulistas que lhes descobriu o solo”. Nesse trecho, podemos observar que, apesar de a maior parte das impressões sobre os mestiços serem positivas, havia exemplos que afirmavam o contrário. Cf. MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Op. cit.*, p. 376-377.

<sup>38</sup> SOUZA, Eneida Maria de. “A Preguiça – Mal de Origem” In: *Revista Alceu*. Vol. 1, nº 2, Rio de Janeiro, 2001, p. 77-83.

Mário de Andrade se apoia na valorização da preguiça como algo essencial à criação artística. A preguiça, tão presente em Macunaíma, era então eleita como o elemento diferenciador do brasileiro. Tal “herói sem nenhum caráter” pode ser situado no âmbito do projeto intelectual de Oswald de Andrade no *Manifesto da poesia pau-brasil*, na qual o personagem de Mário de Andrade é a expressão de um ideal que buscava amalgamar “a cultura nativa e a cultura intelectual renovada, a floresta com a escola num composto híbrido que ratificava a miscigenação do povo brasileiro”<sup>39</sup>.

Na construção desse personagem-chave da identidade nacional, Mário de Andrade bebeu dos estereótipos que distinguiam lugares propícios à preguiça e ao direito ao ócio, representados pelas regiões de climas quentes, dos lugares marcados pela ideologia do trabalho, representados, por exemplo, pelos grandes centros e pelos lugares de clima temperado<sup>40</sup>. No entanto, o que deixa evidente a força, e o temor que esses estereótipos causavam no século XIX, e em períodos anteriores, e posteriores a ele – como é o caso em que surge Macunaíma – é a aparente recusa dos trópicos e suas gentes por parte de um Mário de Andrade político, e não escritor.

A verdade era que a realidade presente no interior do Brasil, de um sertanejo marcado pela doença e indolência, era tão horrenda, que se sobrepunha às vantagens criativas do ócio. Há tempos, viajantes, escritores e cronistas – como nos casos tratados aqui, retirados das revistas do IHGB – se debruçaram sobre as regiões do interior do País e sobre as condições de vida dos tipos humanos que a habitavam. Como nos diz Nísia Trindade Lima, “isolamento, ignorância e ociosidade” eram os termos mais comuns expressos por esses autores<sup>41</sup>.

Nísia Trindade Lima nos traz um panorama em que, apesar das diferenças regionais quanto à posse da terra e as condições de vida e trabalho, ocorriam semelhanças nas descrições dos hábitos dos sertanejos do Nordeste, caucheiros do Norte ou caipiras do Vale do Paraíba. Nesse caso, a partir dos relatos encontrados nas revistas do IHGB, podemos ainda incluir os indígenas nesse rol, pois, tanto o sertanejo, mestiço por excelência, como o indígena, apresentam modos de representação que variam intensamente no que se refere à valorização à vida positiva ou negativa desses tipos humanos e da vida no interior.

Abordagens tão distantes entre si, que iam desde a valorização de elementos como a força, a autenticidade e a comunhão com a natureza – caso muito comum na literatura romântica –, até o retrato negativo e sombrio que encontramos, por exemplo, nos textos de Saint-Hilaire, Monteiro Lobato, Gustavo Barroso e Euclides da Cunha<sup>42</sup> – e que também encontramos majoritariamente nas publicações do IHGB.

O caipira era, então, na virada do século XIX e primeiras décadas do século XX visto como indolente, imprevidente e parasita, um “piolho da terra”,

<sup>39</sup>LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan, Iuperj, Ucam, 1999, p. 144.

<sup>40</sup>SOUZA. *Op. cit.*, p. 72.

<sup>41</sup>LIMA. *Op. cit.*, p. 134.

<sup>42</sup>Ibid.

que segundo Nísia Trindade Lima, alcançou seu ponto culminante com o personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato.

Um "terrível fazedor de desertos", nas palavras de Euclides da Cunha, que assim como Monteiro Lobato, denunciara as práticas de queimada comuns a essas populações do interior, destrutivas, e que representavam uma feia vertente daquele estilo de vida exaltado por certos autores contemporâneos e de tempos passados<sup>43</sup>.

Nesse sentido, encontramos nesse período de virada de século, portanto, posterior ao recorte temporal de nossa pesquisa, o exemplo da mandioca<sup>44</sup>, considerada por Monteiro Lobato um dos grandes obstáculos a uma desejada regeneração do caboclo, pois, para o autor, o vigor das raças humanas estava na razão direta com que o ambiente lhes era hostil<sup>45</sup>.

Diante desse quadro, que se mostrava ainda mais aterrador devido ao cada vez mais penetrante e presente discurso sanitarista, a crítica, na forma satírica, a uma condenação do homem brasileiro por sua miscigenação e indolência, representadas por Macunaíma não resistem a uma visão mais pragmática de Mário de Andrade.

O Mário de Andrade político, colaborador do Ministério da Educação de Capanema, em São Paulo, não consegue sustentar a beleza da preguiça de seu herói. Mário se mostra atraído pela "racionalidade analítica", e pelo avanço técnico dos países desenvolvidos. O então culto à preguiça, às formas lentas e prazerosas de produção, que seguiam o tempo de duração poético, paciente e lento, experimentadas e aclamadas pelo escritor<sup>46</sup>, deve, então, ser substituído.

O sistema cultural brasileiro, marcado pela prática do improvisado e pelo valor conferido à inteligência e ao brilho pessoal, deverá guiar-se pelo exemplo do saber europeu, adquirido por meio da lentidão – nesse sentido, como algo feito com cuidado, e não devagar – e do processo de amadurecimento da experiência<sup>47</sup>. Nesse contexto, vale lembrar que Mário de Andrade acreditava, como era comum em seu tempo, em uma associação entre calor e preguiça, capaz de explicar o comportamento descompromissado e intuitivo característicos dos habitantes das regiões quentes, em contraposição à propensão ao trabalho, seriedade e moral – o avesso de Macunaíma, portanto – que caracterizavam os habitantes de regiões mais temperadas<sup>48</sup>.

<sup>43</sup> Ibid., p. 137-138.

<sup>44</sup> Crítica que podemos encontrar ainda em tempos anteriores. Cf. Sem Autor. "Considerações sobre as duas classes mais importantes de povoadores da capitania de Minas Geraes, como são as de mineiros e agricultores, e a maneira de as animar". In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Op. cit., p. 433.

<sup>45</sup> LOBATO, Monteiro. "Urupês". In: LOBATO, Monteiro. *Obras completas de Monteiro Lobato*. V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1957, p. 284.

<sup>46</sup> SOUZA. Op. cit., p. 80-81.

<sup>47</sup> SOUZA, Eneida Maria de. *A pedra mágica do discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 184.

<sup>48</sup> Ibid., p. 188.

Essa crença, em mente de um homem ligado à política nacional, faz Mário de Andrade criticar a escolha da calorenta cidade do Rio de Janeiro como capital nacional. Como permitir que aquela cidade de clima tropical, que convida seu habitante, a todo o momento, à preguiça e a atitudes sexuais irresponsáveis seja a “cabeça de civilização” do Brasil? Deveria o Brasil ser comandado por gaúchos, paulistas e mineiros, os brasileiros de climas temperados, e, conseqüentemente, mais inclinados ao trabalho e à produtividade<sup>49</sup>.

Nem o criador do “herói solar e mestre da preguiça”, e defensor da ociosidade e da lentidão, em prol da criatividade e identidade brasileira, acreditava com afinco na preguiça. Macunaíma, nascido sob o signo dos trópicos, era apto para representar o elemento brasileiro, mas não era apto a governar o país, pois era tropical demais, e tal tarefa, portanto, deveria ser executada por seus compatriotas mais propícios a isso, no caso, os vindos de climas mais temperados<sup>50</sup>.

Tal explanação tem o intuito de mostrar a força que tal concepção da relação entre o clima tropical e a preguiça alcançaram no século XIX e início do XX – para não adentrarmos em períodos ainda anteriores. Como vimos por meio dos artigos publicados no IHGB, tal imagem parece algo bastante sólido dentro do século XIX, e, graças ao alcance de tais premissas, tornava-se um motivo sério de preocupação para nossos pensadores da nação, desejosos de um futuro brilhante para o Brasil.

Nesse sentido, Mary Louise Pratt, nos traz que tais categorizações dos humanos são explicitamente comparativas, e estão inseridas dentro do contexto de “naturalizar” o mito da superioridade europeia. Não se trata apenas de discursos que vão de europeus para não europeus, mas, também, são discursos de mundos urbanos sobre mundos não urbanos, discursos burgueses e letrados, sobre mundos não letrados e rurais... Tudo isso, segundo Pratt, pode ser entendido como uma forma de desenhar o suposto atraso da América e legitimar intervenções da vanguarda capitalista a sociedades não capitalistas, carentes da exploração racionalizada trazida por europeus.

Dentro do discurso colonial, podemos encontrar a linguagem da missão civilizadora, na qual o europeu produz – para si mesmo – esses povos nativos como seres reduzidos e incompletos, que sofrem com a incapacidade de se tornar o que os europeus já são, ou de se transformar naquilo que os europeus pretendem que eles sejam<sup>51</sup>.

No caso do IHGB, podemos encontrar algo semelhante, pois também são discursos produzidos das cidades, das letras, da civilização, dos brancos, sobre

<sup>49</sup> Ibid., p. 200.

<sup>50</sup> No trecho a seguir, temos uma amostra desse apreço pela cultura lenta e racional, obtida dentro dos padrões europeus, em contraste com a produção cultural nascida sob o signo dos trópicos, marcada pelo imprevisto: “Uma inteligência mais lenta, baseada na cultura, incapaz de audácias cabotinas, pouco ou nada amigas do brilho e da virtuosidade; uma constante ausência desses elementos de brandura cariciosa, de sensualidade seresteira, de gostosura, que se poderia reunir pela palavra tropicalismo. Cf. ANDRADE, Mário de. “Os Gaúchos”. In: ANDRADE, Mário de. *Vida literária*. São Paulo: Hucitec: Edusp, 2003, 116.

<sup>51</sup> PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru/SP: Edusc, 1999, p. 262.

o campo, os ignorantes, a barbárie e “pessoas de cor”. Trata-se de discursos produzidos por homens que creem ser representantes da cultura europeia, e o clima e a raça, e suas diversas consequências negativas atuam como forma de rebaixar esses homens descritos, perante os que os descrevem e os que leem esses relatos.

Mas se os trópicos traziam males para os corpos de seus habitantes, para suas mentes também as expectativas não eram das melhores. A indolência era a marca tropical sobre seu físico, e a lascívia era a marca moral que os trópicos deixavam sobre aqueles que viviam sob seu sol escaldante, e respirava seus ares quentes e úmidos. Tudo isso era, segundo uma tradição que remonta aos tempos antigos, e perdurou até o início do século passado, um convite aos prazeres da carne.

Em períodos logo anteriores à descoberta do Novo Mundo, a Europa finalmente conseguira conquistar uma cristianização mais homogênea, algo que almejava por séculos e séculos. Se a cruzada contra o demônio se encerrara, ou pelo menos, perdera força no Velho Continente, ela não estava de todo terminada.

Com o advento da Cruz na Europa, hordas de demônios para cá voaram, e trouxeram consigo males que deveriam ser combatidos<sup>52</sup>. E entre os inúmeros pecados trazidos por eles, um dos que mais temores e estranhezas causaram nos olhos europeus foi a lascívia aqui encontrada, desde os tempo dos primeiros visitantes e colonizadores que aqui pisaram.

A nudez e a lascívia do nosso autóctone foi um traço que logo saltou aos olhos desses homens. Caminha, em seu relato inaugural sobre o Brasil, não deixou de mencionar que os homens nessas terras encontrados andavam “todos nus, sem coisa alguma que cobrisse as suas vergonhas”<sup>53</sup>. Vespúcio, em carta escrita a Lorenzo de Médici, relatou que os índios daqui possuíam quantas mulheres queriam, e que filho se unia à mãe, irmão à irmã<sup>54</sup>. Jerônimo

---

<sup>52</sup> Podemos visualizar essa ideia da luta entre o Bem e o Mal – representados, respectivamente pelo cristianismo e pelo demônio –, por exemplo, no trecho a seguir de Fr. Vicente de Salvador: “O dia que o capitão-mor Pedro Álvares Cabral levantou a cruz (...) era a 3 de maio, quando se celebra a invenção da Santa Cruz em que Cristo Nosso Redentor morreu por nós, e por esta causa pôs o nome à terra que havia descoberto de Santa Cruz e por este nome foi conhecida muitos anos. Porém, como o demônio com o sinal da cruz perdeu todo o domínio que tinha sobre os homens, receando perder também o muito que tinha sobre em os desta terra, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome e lhe ficasse o de Brasil, por causa de um pau assim chamado de cor abrasada e vermelha com que tingem panos, que o daquele divino pau, que deu tinta e virtude a todos os sacramentos da Igreja (...)”. Cf. SALVADOR, Frei Vicente de. *História*. Apud MELLO e SOUZA, Laura de. *Inferno atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 31-32. Vale ainda ressaltar que, segundo Mello e Souza, tais tradições que contrapunham esse embate entre o bem e o mal pode ser encontrada em seguidores do Frei Vicente de Salvador, como é o caso de Pêro de Magalhães Gândavo, João de Barros e Rocha Pita, que traziam o fato ímpar de que entre tantas terras coloniais, o Brasil seria a única a trazer tal tensão inscrita no próprio nome, que remetia às chamas vermelhas do inferno. Idem, p. 30.

<sup>53</sup> CASTRO. *Op. cit.*, p. 91.

<sup>54</sup> VESPÚCIO, Américo. *Novo Mundo*. Porto Alegre: LPM, 1984, p. 94.

Rodrigues, ao visitar os índios Carijó, em 1602, disse que esse povo era “sujíssimo no vício da carne”, que “pais se uniam às filhas, os tios às sobrinhas, os avôs às netas, os homens com várias mulheres e até mulheres com dois maridos”. Gabriel Soares de Souza descreveu “torpezas” como incesto, homossexualismo e sodomia, comuns aos povos que aqui encontrara<sup>55</sup>.

Se essas práticas sexuais e de nudez, pouco ortodoxas aos olhos europeus, chamaram a atenção desses viajantes acima descritos, sobre os religiosos que cá aportavam, tais repercussões eram ainda mais negativas. O despudor na exibição dos corpos, acrescido de licenciosidade e apego àquela vida deveras promíscua para seus padrões, eram a prova da vassalagem de nossos habitantes aos demônios que para aqui haviam se trasladado<sup>56</sup>.

A nudez, por exemplo, de maneira isolada das práticas sexuais, era vista muitas vezes como inocente, aos olhos de certos europeus, mas não era tolerada por esses catequizadores. Manoel da Nóbrega, por exemplo, de tudo fazia para vestir os habitantes nus do Brasil, considerava um escândalo aquelas pessoas assistirem aos ofícios divinos com suas vergonhas expostas. Queria evitar a ofensa a Deus causada por toda aquela exposição não adequada, e, sobretudo, evitaria a excitação que as índias nuas causariam nos cristãos recém-chegados, ou recém-estabelecidos na colônia.

Tais preocupações de Nóbrega, no sentido de tentar evitar a libido nos recém-chegados cristãos em terras tropicais, ao analisarmos seus relatos, faz bastante sentido, afinal, os “excessos de liberdade”, encontrados entre os nativos também passaram a ser frequentes nos portugueses – o que incluía muitos religiosos – aqui estabelecidos. Índios e brancos, pagãos e cristãos, todos ofendiam a Deus, nas libertinas terras brasileiras<sup>57</sup>.

As terras brasileiras pareciam ser mesmo as terras do pecado, a crença do *Ultra aequinoctialem non peccari* parecia ser mesmo verdade<sup>58</sup>, e essa lascívia desenfreada e extremada era um dos agentes formadores do nosso antiparaíso das gentes que aqui viviam, perdidas em meio ao nosso paraíso tropical<sup>59</sup>.

Se as terras além da linha do equador já eram vistas como lugar do pecado da carne, tais noções só ganharam mais força durante o século XVIII. Montesquieu concluíra, em *O espírito das leis*, que havia toda uma gradação da sensibilidade para o prazer e para a dor entre as pessoas oriundas de climas frios e de climas quentes, gradação essa que aumentava à medida que mais quente ele ficava<sup>60</sup>.

<sup>55</sup> VAINFAS, Ronaldo. *Trópicos dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Campus, 1989, p. 65.

<sup>56</sup> Ibid., p. 64.

<sup>57</sup> Ibid., p. 64-66.

<sup>58</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984, p. 33.

<sup>59</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008, p. 24.

<sup>60</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2007, p. 75.

Se o clima tropical afrouxava os músculos dos homens que sob ele viviam, deixando-os mais relaxados fisicamente, o que resultava na aclamada preguiça do homem tropical, o mesmo ocorria com suas faculdades morais, o que gerava a lascívia descontrolada nos trópicos<sup>61</sup>.

Dentro do IHGB, tais relações entre a lascívia e o clima tropical não são frequentes, apesar de aparecerem. Talvez, dos traços negativos gerados pelo clima tropical, e tão difundidos entre seus difamadores, tenha sido o que menos preocupações despertava entre nossos homens de letras e ciências do instituto. Teria o Brasil herdado a voluptuosidade dos portugueses que tantos pregaram?

Encontramos referências que apontam o clima como um dos fatores da nudez indígena, mas não há uma condenação veemente desse hábito. Alexandre Rodrigues Ferreira, por exemplo, que, apesar de não ser membro do instituto, teve seu texto publicado nas revistas, vê a nudez indígena mais como uma amostra da sua indolência do que como um ato de lascívia:

Parece (diz o inglês Robertson), que a mesma natureza se descuidou de ensinar aos d'esta parte da America quanto lhes era indecente o aparecerem nus. Porém como elles, debaixo de um céu benigno, nenhuma necessidade sentem de reparar as suas carnes contra as injurias do tempo, antes a sua mesma indolencia os convida a pouparem-se a toda qualquer espécie de trabalho, que lhes não é ordenado por uma extrema necessidade<sup>62</sup>.

235

Há impressões de que o clima tropical realçava a sensualidade no Brasil. O clima brasileiro era um convite ao desejo, como nos mostra o trecho a seguir:

A agua aqui [refere-se ao Mato Grosso] em tempo de sêcca é longe, e varias vezes encontrei com jovens indians conduzindo cantaros (...) vestidas unicamente com suas julatas<sup>63</sup> que sem deixam parte do seio descoberto: seus comprido cabellos (pretos como ébano), arrançados com gosto e ornado com flores e outros enfeites, me fez recordar os templos classicos da antiga Grecia. Imaginei por um momento que estava na ilha de Chypre encontrando com as nymphas de Venus quando iam buscar aguas ás fontes da Idalia. Tudo aqui respira languidez e a voluptuosidade do clima: o mesmo Paraguay parece que participa de taes sentimentos, rolando lentamente suas aguas

<sup>61</sup> ARNOLD. *Op. cit.*, p. 141.

<sup>62</sup> Cf. FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Op. cit.*, p. 11; Encontramos ainda, no trecho seguinte, a mesma explicação de Alexandre Ferreira para a falta de roupa dos indígenas: "Vivem sem roupas [os índios apinajés], em casas que pouco abrigo oferecem, porque o clima, a ignorancia a isto os habituou; porque ainda não experimentaram os commodos da vida social, que depois seriam reputados necessidades reaes". Cf. GOMES, Vicente Ferreira. "Itinerario da cidade de Palma, em Goyaz, á cidade de Belém no Pará, pelo rio Tocantins, e breve noticia do norte da província de Goyaz". In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Tomo XXV. Rio de Janeiro: Typ. de D. Luiz dos Santos, 1862, p. 494.

<sup>63</sup> Uma espécie de lençol.

pacíficas por entre meio de campos cobertos de uma eterna  
verdura<sup>64</sup>.

Gonçalves Dias nos dá mostras de que as teorias setecentistas que colocavam a lascívia como fruto da ação do clima tropical estavam presentes dentro do IHGB ao citar a “quazi irresistível força do clima”<sup>65</sup> atuando sobre as nossas supostas amazonas, o que gerava relatos como os do Pe. Christovão da Cunha, presente em seu texto:

[...] em certa quadra do anno, vinham ter uns indios com as Amazonas. Ellas ao vel-os se alvoroçavam, sahiam fora de suas trinxeiras, armadas em guerra, e depois de uma breve simulação de combate, corriam todas ás canoas dos hospedes bem vindos, e cada qual desprendia uma das redes que estes indios traziam armadas nas canoas, e voltavam triunfantes para armal-as em suas habitações, onde vinham os donos procural-as. Em festas e contentamentos se passavam dias até que no tempo marcado se retiravam os hóspedes<sup>66</sup>.

Encontramos relatos de conquistadores que se entregaram à vida lasciva e que se esqueceram da religião<sup>67</sup>, relatos que exaltam o fascínio que nossas indígenas despertavam perante os olhos europeus ou europeizados que as viam<sup>68</sup>. Mas a verdade é que a relação entre os trópicos e a lascívia pouca

236

---

<sup>64</sup> ELLIOT, João Henrique. “Itinerário das viagens exploradoras empreendidas pelo Sr. Barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o porto de villa Antonina e o Baixo-Paraguay na província de Mato-Grosso; feitas nos annos de 1844 a 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes, e descriptas pelo Sr. João Henrique Elliot”. In: *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. Tomo X. Rio de Janeiro, 1870 (1848), p. 171. Podemos ainda aqui citar esse efeito (aqui abordado de maneira nada positiva) do clima tropical sobre a lascívia humana no trecho a seguir, que não cita seu autor, e que provavelmente foi escrito nos inícios do século XIX: “Taxam nos de lascivos. E rendamos á verdade mais esta homenagem, que a acção do clima d’entre os tropicos é, se não deve dizer, invencível, sobremaneira poderosa: cada paiz tem defeitos moraes, que á maneira das enfermidades physicas, se podem chamar de endemicos”. Cf. Sem autor. “Descobrimto de Minas-Geraes”. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXIX. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1886, p. 111.

<sup>65</sup> DIAS, A. Gonçalves. “Amazonas”. In: *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. Tomo XVIII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896, p. 34-35.

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 33-34.

<sup>67</sup> Como observamos no seguinte trecho: “(...) contrabalançado fortemente pela concuspencia dos conquistadores, que não só se esqueceram da religião, em que haviam sido criados, como se entregaram a todos os desregramentos de uma vida lasciva e libertina, e para cumulo de vergonha até seus excessos alardeavam”. Cf. SILVA, Joaquim Noberto de Souza. “Memoria historica e documentada das aldeas de índios da província do Rio de Janeiro”. In: *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. Tomo XVII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894 (1854), p. 92.

<sup>68</sup> Como podemos observar nos trechos a seguir: “o mesmo Martin Afonso deixou ali dous homens, e diz Pedro Lopes, que a gente da terra era toda alva, e que as mulheres não erão inferiores em formozura ás da rua nova de Lisboa [referindo-se à então Bahia, onde foi encontrado Caramurú]. Cf. REBELO, Jozé Silvestre, p. 333; ou, ainda: “é gente muito linda [índios apiacás], e se vestissem uma índia á portuguesa antes de ser pintada, pouca diferença teria de uma branca; ellas são muito alvas, cabelo muito fino e macio, nariz afilado, dentadura

repercussão teve dentro do IHGB do período estudado, ao contrário da preguiça, muito apontada como característica negativa dentro das publicações do grêmio, como observamos.

Algo inesperado, uma vez que tal relação permeou durante muito tempo o pensamento social sobre o nosso país, permanecendo até períodos avançados do século XX. Paulo Prado, por exemplo, via justamente no sensualismo exacerbado uma das causas da condição triste em que se encontrava a sociedade brasileira de seu tempo. Segundo ele, dominava no conquistador português dois “pensamentos tirânicos”: a cobiça do ouro e o sensualismo exacerbado, sendo a história do Brasil o desenvolvimento desordenado dessas duas obsessões, que subjugavam o corpo e o espírito de suas vítimas<sup>69</sup>.

E essa profusão de sexualidade, geradora de tristeza para Prado, era ainda acentuada pelo clima tropical. Os portugueses, sensuais por natureza, sentindo a falta de mulheres brancas e solteiras, buscavam saciar suas necessidades sexuais com índias e negras, que, tendo a sensualidade aumentada pelo clima a isso propício, os acolhia logo no primeiro contato, o que ocasionava muitos casos de concubinação.

Do português descobridor, audacioso, sonhador e livre, passou-se a esse elemento colonizador da governança e da fradaria, na qual se deixou levar pelo sensualismo e pela paixão pelo ouro e pelo enriquecimento fácil. Tudo isso levou ao descaso para com o Brasil, que não trouxera riquezas momentâneas como o Peru para os espanhóis, ou o Oriente para os portugueses.

Dessa atmosfera nasceu, segundo Prado, o brasileiro, fruto de paixões de pura animalidade, um povo enfraquecido física e mentalmente, sem preocupações políticas, intelectuais, artísticas e estéticas, todas preteridas em favor daqueles dois únicos ideais que norteavam os nossos ancestrais: a luxúria e a cobiça<sup>70</sup>.

Mas, como foi dito, na virada do século XIX para o XX, e nas primeiras décadas desse último século, a relação entre sensualidade exacerbada e clima tropical ainda possuíam grande destaque, no Brasil e em outras partes do mundo<sup>71</sup>. Gilberto Freyre é outro exemplo que atesta a força que a relação entre o clima tropical e a suposta exacerbação da lascívia exerceu em nosso pensamento social. Para ele, era inegável que o clima tropical aumentava os

---

muito bonita e bem arranjada, olhos grandes etc., não arrancam as pestanas nem as sobrancelhas como costumam fazer as outras nações; finalmente é a mais bonita que se póde encontrar”. Cf. OLIVEIRA, J.J. Machado de (oferecedor). “Memoria da nova navegação do Rio Arinos até á Villa de Santarem, Estado do Grão-Pará”. In: *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. Tomo XIX. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898 (1856), p. 102.

<sup>69</sup> PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 139.

<sup>70</sup> KEULLER, Adriana T.A. Martins. “Retrato do Brasil: uma análise da tristeza pradiana”. In: COSTA, Ricardo; PEREIRA, Valter Pires (orgs.). *História: Revista do Departamento de História da UFES*. Vitória: Edufes, 2001, p. 186-187.

<sup>71</sup> Prova disso é Ellen Semple, que em 1911 afirmava que a transferência de povos aos trópicos tendia a relaxar suas fibras mentais e morais. Cf. SEMPLE, Ellen Churchill. *Influences of Geographic Environment on the Basis of Ratzel's System of Antropo-Geography*. Londres, 1911.

clamores pela carne. Freyre acreditava na “super-excitação sexual dos meninos e adolescentes”, produzida pelo clima tropical, além de nos trazer estudos que mostravam que uma mescla do clima e da raça levaram a uma precocidade da menstruação nas meninas do Brasil<sup>72</sup>.

Freyre dá vivas a essa sensualidade tropical, base da formação social brasileira. Mas como nos alerta Bresciani, tal sensualismo positivo, descrito por Freyre, está muito próximo ao sensualismo voraz do colonizador de Paulo Prado, “desenhado com as cores sombrias da tristeza”<sup>73</sup>.

Assim, vivíamos em um paradoxal paraíso marcado por gentes que nos remetiam a algo infernal. Trópicos da beleza e da feiura, da vida fácil e dos perigos, da abundância e dos desequilíbrios. Eram tempos em que o poder dos trópicos sobre as pessoas era inegável, mas era, também, o tempo em que soluções para os problemas advindos do clima pareciam ser curvar perante o poder do homem, com sua ciência e educação. Esses tempos por nós estudados eram tempos de orgulho perante cenários deslumbrantes, e tempo de temores, perante cenários aterradores. Mas, também, eram tempos de esperança, pois a ciência chegava cada vez com mais força, e servia com uma poderosa arma para aqueles que queriam ver o progresso mesmo em uma região fadada ao fracasso por sua natureza, mas isso é assunto para uma outra discussão.

### **Sobre o autor**

Luis Fernando Tosta Barbato é doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas e professor do Instituto Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: [lfbarbato@gmail.com](mailto:lfbarbato@gmail.com).

---

*Artigo recebido em 4 de janeiro de 2016.*

*Aprovado em 18 de agosto de 2016.*

---

<sup>72</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Schimidt Editor, 1936, p. 187-188.

<sup>73</sup> BRESCIANI. *Op. cit.*, p. 14.